

Lentes Freireanas na formação do Jornalista: Café com Paulo Freire¹

Diva Souza SILVA²

Vanessa Matos dos SANTOS³

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar princípios basais da concepção freireana de formação a partir das experiências acumuladas no curso de Jornalismo da UFU. Essa abordagem faz parte de nossas pesquisas e, nesse espaço, pretende-se o diálogo que envolve a educação crítica, a autonomia, a práxis e a vivência educacional. A partir da pesquisa teórica e bibliográfica os termos foram apresentados e trechos das produções analisados. A formação é enfatizada a partir das lentes freireanas trabalhadas em uma disciplina do curso, com destaque para a leitura, discussão e produção escrita sobre a obra “Extensão ou Comunicação”. As discussões resultantes destes espaços revelam que, mais que apenas uma disciplina, a perspectiva educacional tem se travestido em uma identidade do curso desde sua criação.

PALAVRAS-CHAVE: Paulo Freire; Formação do Jornalista; Comunicação e Educação; Educacional; Extensão ou Comunicação.

VEM PARA O CAFÉ

Na mesa de café do centro de convivência da UFU, um ex aluno do Jornalismo pergunta: “Esse ano inteiro quantos Cafés com Paulo Freire?” Ficamos fazendo as contas e vimos que foi o sétimo, considerando um por ano. Então, ele comenta: *“hoje deve ser muito mais significativo para essa turma discutir Freire no Jornalismo e no país que vivemos, porque antes eu conheci Freire só em nosso café; hoje, eles, com certeza, já ouviram falar de Paulo Freire, mais pelos ataques feitos a ele do que pela obra em si, mas já vem com alguma ideia para o curso de Jornalismo”*.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora adjunta na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Tutora do PET/Conexões/Educacional. Grupo de Estudos e Pesquisas em Tecnologias, Comunicação e Educação (GTECOM). Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação - PPGCE. Curso de Jornalismo. e-mail: diva@ufu.br

³ Professora adjunta na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação (PPGCE). Grupo de Estudos e Pesquisas em Tecnologias, Comunicação e Educação (GTECOM). Curso de Jornalismo. e-mail: vanessamatos@ufu.br

Ainda não havíamos pensado sobre isso, e naquele momento, reconhecemos mais uma vez a importância da discussão, da formação, da crítica, das dúvidas, da fundamentação teórica e, principalmente do diálogo no ‘Café com Paulo Freire’. Convidar para um ‘Café com Paulo Freire’ pode parecer algo inusitado, primeiramente porque Freire faleceu no ano de 1997. Comumente, o convite seria para assistir a uma palestra, participar de uma aula, uma conversa. Mas um café? Apesar do aparente estranhamento é isso que propomos ao trabalhar com a disciplina ‘Comunicação e Educação’ no Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia.

A ideia de aproximar Paulo Freire da formação do Jornalista no curso da UFU vem desde seu primeiro Projeto Político Pedagógico (PPC) na concepção de educação e formação que se comunga e, mais especificamente, com a disciplina ‘Comunicação e Educação’ ofertada já no 1º período do curso. No ano de 2013 inserimos como leitura básica a obra “Extensão ou Comunicação” de Freire (1979), dentro do que chamamos ‘Café com Paulo Freire’. A obra é uma das principais do autor no diálogo com diversas áreas do conhecimento e, no Jornalismo, a ênfase é dada na relação com o outro, com os Sujeitos, com a forma que lidamos com os processos de comunicação e na vivência do exercício do jornalista. Essa perspectiva nos leva a apontar de que lugar se fala, com quais conceitos fundantes se opera e, como, de alguma forma, isso reflete na construção cotidiana da formação. O ‘Café com Paulo Freire’ se coloca como um momento destinado ao diálogo livre, sem amarras ou crivos.

EDUCAÇÃO CRÍTICA, AUTONOMIA E PRÁXIS

Não é possível falar de uma formação, com base freireana, sem discutir a educação crítica. Assume-se, nesse contexto, a perspectiva de Giroux (2016, p.1) que a compreende como "(...) um elemento fundamental para a mudança social progressiva, e de que a forma como pensamos sobre política é inseparável daquela como compreendemos o mundo, o poder e a vida moral a que aspiramos". Sobre as reflexões de Paulo Freire, numa perspectiva crítica de formação, Giroux (2016) afirma que Freire acreditava que a democracia não se consolida dissociada de uma cultura formativa que a torna possível.

Saviani (2005) discorrendo sobre as Tendências Educacionais aborda sobre uma “Pedagogia Libertadora”, à qual remete às ideias de Paulo Freire, principalmente por se

inserir numa concepção humanista de formação. Há uma valorização do interesse e iniciativa dos educandos, dando prioridade aos temas e problemas mais próximos de suas vivências, trazendo para o centro do trabalho educativo “temas e problemas políticos e sociais, entendendo que o papel da educação é, fundamentalmente, abrir caminho para a libertação dos oprimidos.” (p.36)

Na esteira dos movimentos históricos e constituidores da formação, Saviani (2005) identifica e corrobora em sua elaboração, na década de 80, uma proposta ‘contra hegemônica’, a saber, a concepção pedagógica histórico-crítica.

Nessa formulação a educação é entendida como mediação no seio da prática social global. A prática social se põe, portanto, como o ponto de partida e o ponto de chegada da prática educativa. Daí decorre um método pedagógico que parte da prática social onde professor e aluno se encontram igualmente inseridos ocupando, porém, posições distintas, condição para que travem uma relação fecunda na compreensão e encaminhamento da solução dos problemas postos pela prática social, cabendo aos momentos intermediários do método identificar as questões suscitadas pela prática social (problematização), dispor os instrumentos teóricos e práticos para a sua compreensão e solução (instrumentação) e viabilizar sua incorporação como elementos integrantes da própria vida dos alunos (catarse).(p.26)

Essa mediação da prática social é a incorporação da formação embebida numa concepção dialética travada cotidianamente no ato de produzir a humanidade histórica e coletiva, na busca pela síntese. Uma busca por uma educação crítica que gere o debate e trilhe um percurso para a conscientização e formação da autonomia.

Um dos conceitos caros em Freire (2000) é o respeito à autonomia dos sujeitos. Reconhecer os sujeitos como construtores de sua própria história é base angular para pensarmos a própria sociedade, posto que “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (FREIRE, 2000, p.66).

Esse entrelaçar na formação humana é um dos fios que leva a enxergar a própria formação do jornalista para além da formação técnica, ou seja, o imperativo da formação ética coloca-se como fundante. Enxergarmos uns aos outros como sujeitos, de vida, de fala, de autonomia, de saberes, de histórias, de contradições é, de fato, nos reconhecermos como iguais na condição humana.

Estar sendo é a condição, entre nós, para ser. Não é possível pensar os seres Humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma

transgressão. É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar (FREIRE, 2000, p.36).

A experiência educativa na formação do jornalista precisa ser vista a partir dessas lentes, ou seja, o caráter formador do exercício educativo, de transformação da experiência, de tocar e ser tocado por ela.

O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “oposição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “ex-posição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre (LARROSA, 2016, p.26).

É nesse sentido de se “ex-por” para viver a experiência, que nos desafiamos a todo o momento na formação. Encharcar de sentido, freireanamente falando, é a busca do significado de dialogar com as áreas de conhecimento fronteiriças na formação do jornalista e focar uma formação que vá além de meras técnicas para alcançar a dimensão humana.

No desenvolver dos estudos da disciplina ‘Comunicação e Educação’, no curso de Jornalismo, um conceito emerge: ‘práxis’. Esse advém das discussões em torno da concepção que se tem de teoria e prática e, ao mesmo tempo, da experiência de vivenciar situações da prática social que podem gerar intervenções e múltiplos desenvolvimentos dos sujeitos.

(...) entre a teoria e a atividade prática transformadora se insere um trabalho de educação das consciências, de organização dos meios materiais e planos concretos de ação; tudo isso como passagem para indispensável para desenvolver ações reais, efetivas. Nesse sentido uma teoria é prática na medida em que materializa, através de uma série de mediações, o que antes só existia idealmente, como conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação. (VÁZQUEZ, 1977, p. 207)

A experiência é portadora dos sentidos que a consciência construiu e constrói na implicação de ser, de formar, de viver a experiência, de historicizar, de existir. Batista (2007) afirma que é preciso obter a consciência da práxis, para além da reflexão, é necessário a conscientização. Busca em Freire (1979) o aporte:

O processo de conscientização implica [...] um ato lógico de conhecimento e não transferência de conhecimento. [...] não se pode basear na crença de que é dentro da consciência que se opera a transformação do mundo, a criação do mundo. É dentro do próprio mundo que, na história, através da práxis, que se dá o processo de transformação (FREIRE, 1979, p. 114-115).

Que mundo é esse em efervescência de questionamentos, de valores, inclusive, do que até então pareciam princípios democráticos de diálogo e inclusão do ‘bem comum’ para todos? Educar as consciências mutuamente precisa nos levar a evoluir como sujeitos, espécie, construtores da própria história.

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO, EDUCOMUNICAÇÃO E A FORMAÇÃO DO JORNALISTA

Uma das possibilidades de continuarmos a nos manter sujeitos da própria história na construção de uma sociedade mais igualitária centra-se em pensarmos uns COM os outros, fazermos o percurso nos ajudando e nos respeitando, reconhecendo que não há saber melhor que o outro, há saberes diferentes. A sala de aula pode ser um dos espaços de formação, mas não é o único. Mas, valorizar espaços institucionalizados para, a partir deles, infiltrar outras formas de ser um ambiente formativo, plural e de relações, é uma das maneiras que encontramos de ampliar o diálogo e a formação do jornalista, na inter-relação comunicação e educação.

Entende-se que a sala de aula não é o único espaço de aprendizagem dos sujeitos e que a comunicação pode potencializar a formação de um ambiente dialógico que permita uma maior participação da juventude nas relações de ensino. A comunicação, compreendida como troca de conhecimentos, possui uma dimensão educativa que deve ser levada em conta já que educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados (FREIRE, 1979, p. 69).

A troca de conhecimento, os espaços do diálogo permitem interações e possibilidades de novas intervenções sociais, cooperando e colaborando. Aqui é

importante ressaltar que toda e qualquer intervenção se faz em conjunto, em diálogo. Não se trata de uma relação hierárquica em que um ser intervém em uma outra realidade para obter resultados específicos. Ao contrário disso, a intervenção aqui é resultante do encontro entre que se ex-põem e se respeitam em suas diferenças. Nesse sentido, o conceito de educomunicação se coloca para nós de forma muito profícua.

(...) entendida como um paradigma orientador de práticas sócio-educativo-comunicacionais que têm como meta a criação e fortalecimento de ecossistemas comunicativos abertos e democráticos nos espaços educativos, mediante a gestão compartilhada e solidária dos recursos da comunicação, suas linguagens e tecnologias, levando ao fortalecimento do protagonismo dos sujeitos sociais e ao consequente exercício prático do direito universal à expressão. (...) O locus da prática educomunicativa é a interface Comunicação/Educação, constituindo-se como um campo transdisciplinar de diálogo, garantidor de oportunidades para reflexões e ações voltadas ao planejamento e implementação de processos e produtos (...) (SOARES, 2019⁴)

Nessa perspectiva de campo transdisciplinar de diálogo e reflexões, fortalecendo ecossistemas comunicativos abertos e democráticos nos espaços educativos, é que nos propusemos a vivenciar a leitura, debate e resenha da obra freireana “Extensão ou Comunicação” no curso de Jornalismo. Princípios educomunicativos orientam o planejamento e o fazer com os estudantes, culminando em um ‘café com Paulo Freire’ e nossa história sendo construída.

A interface comunicação e educação tem provocado um repensar do processo de ensinar e aprender, como afirma Soares (2014, p. 26)

As ideias freirianas sobre a interface Comunicação e Educação têm sido fontes inspiradoras para a adoção da perspectiva dialógica no uso dos diversos meios de comunicação, levando à necessidade de se repensar a própria educação do ponto de vista da gestão dos processos de comunicação inerentes aos atos de ensinar e aprender.

O processo de formação do jornalista está diretamente ligado a um campo dialético, crítico e numa leitura permanente das diferentes linguagens comunicacionais, considerando o respeito ao outro, à informação, a autonomia e liberdade, corroborando à formação conscientizadora. Freire (1983), em ‘Extensão ou Comunicação?’

⁴ Disponível em: <http://www.abpeducom.org.br/educom/conceito/> Acesso em 30 jun 2019.

apresenta princípios da postura do sujeito frente ao mundo, como possibilidade de mudar sua realidade.

O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato (FREIRE, 1983, p.16).

A reflexão crítica é um compromisso de sujeitos que se fazem na própria historicidade e se forjam na dinâmica do ser e ‘vir-a-ser’ a todo momento. Pelo diálogo é possível a problematização e, com isso, a conscientização. Nessa dinâmica, “(...) educador-educando e educando-educador vão ambos desenvolvendo uma postura crítica da qual resulta a percepção de que este conjunto de saber se encontra em interação.” (p.36)

A DISCIPLINA E O CONVITE À REFLEXÃO

Comunicação e Educação é uma das disciplinas do 1º período do Curso de Jornalismo. Ofertada durante um semestre, com carga horária de sessenta horas, a disciplina indica princípios da interlocução entre as referidas áreas de conhecimento e com objetivo de promover melhor compreensão da interface e dos estudos que a fundamentam.

Nesse sentido, buscando o diálogo com a interface e na constituição do campo da Educomunicação, por meio de uma perspectiva crítica de educação e formação, evidenciou-se a leitura da obra de Freire “Extensão ou Comunicação” em destaque na Figura 1. A leitura foi indicada desde o primeiro dia de aula e as orientações disponibilizadas ao longo do processo. Além dos encontros semanais durante as aulas, os discentes também podiam consultar o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA – Moodle) como suporte (vide Figura 2).

Figura 1 - Referências da disciplina "Comunicação e Educação"

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GHILARDI, Maria Inês; BARZOTTO, Valdir Heitor. **Nas telas da mídia**. Campinas: Alínea, 2002.

GIROUX, Henri. Repensando a linguagem da escola. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

PACHECO, Elza Dias. (Org.) **Televisão, criança, imaginário e educação**. Campinas: Papyrus, 2009.

RAMAL, Andréia Cecília. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Mas, afinal, o que é educomunicação?** Disponível em <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>>. Acesso em 13 maio 2008.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Souza Miguel. (Org.). **A escola vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Fonte: Site oficial da FACED - UFU⁵

Figura 2 - Tela da disciplina no Moodle sobre o 'Café com Paulo Freire'



Fonte: Moodle/UFU – acervo pessoal

No dia definido, nos organizamos fora do ambiente da sala de aula para seguirmos uma ideia de “abrir fronteiras” e nos sentamos no chão, em círculo, tentando que todos enxergassem um ao outro. No espaço está a mesa de café composta colaborativamente por comes e bebes. O cheiro de café, símbolo cultural brasileiro para uma prosa, embala o momento e nos faz agrupar, rir, conversar e perguntar se Freire

⁵ Disponível em: Fonte:<http://www.faced.ufu.br/sites/faced.ufu.br/files/FACED32101-%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20e%20Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>
Acesso em 30 jun 2019.

está ali para saborear conosco. Sempre afirmamos que sim, pois onde se propõe o diálogo horizontalizado, Freire é lembrado e faz pensar para além do próprio contexto.

Durante aproximadamente dois meses a leitura da obra é feita e alguns conceitos e apontamentos são feitos durante as aulas, mas no dia mesmo do debate é que as tessituras acontecem. Pedimos que todos levem uma folha/ofício com uma palavra ou termo chave que se destacou na leitura da obra.

Esse material é utilizado para fazermos um varal com os termos e vincularmos as falas aos destaques. É um momento muito interessante, pois a turma acaba fazendo conexões pelas palavras/termos que são muito específicas daquele grupo e naquele momento. Mesmo que os termos sejam muitas vezes conhecidos, a explicação do porque o selecionou e o que destaca, é bem peculiar.

Destaca-se a seguir dois momentos (2018 e 2019) para demonstrar como o processo vem acontecendo:

Figura 3 - ‘Café com Paulo Freire’ 2018



Fonte: Comunica UFU⁶

Figura 4 - ‘Café com Paulo Freire’ 2019



Fonte: Fotos de Leonardo Vassoler

⁶ Disponível em: <https://www.educomufu.com/> e <https://youtu.be/6TSiAIQ9j2c> Acesso em 30 jun 2019

Desde o início da atividade nos mobilizamos para que a turma desenvolvesse o processo sabendo que este envolvia a leitura, o debate e uma produção escrita, a qual nomeamos, com as devidas delimitações, de resenha.

Essa produção escrita deveria seguir as normas orientadas, versando sobre o autor, a obra, com destaques para cada capítulo e, ao final, uma síntese “abordando as contribuições da leitura para sua formação no Jornalismo”. Seguem trechos de resenhas produzidas pelos estudantes da turma do ano de 2019 e apontamentos da contribuição para sua formação no Jornalismo.

O Conceito de extensão é criticado por Freire no sentido de ‘estender conhecimento’, pois isso amesquinaria o ato de todos os envolvidos serem sujeitos de saberes os quais poderiam ser compartilhados e analisados à luz do diálogo. A experiência narrada na obra “Extensão ou Comunicação” é com camponeses e a relação do agrônomo com a comunidade e a forma de reconhecer as pessoas e de como lidar com o processo de aprendizagem.

Nesse sentido, uma das estudantes do curso de Jornalismo destaca em sua produção escrita:

(...) conceito de “extensão” levantado por Freire no início de seu ensaio, que critica o fato do extensionista englobar ações que transformam o camponês em “coisa”, a ponto de fazer do camponês um depósito que recebe mecanicamente aquilo que o homem “superior” acha que o camponês deve aceitar. Sendo assim, quando Freire ensina o agrônomo a educar na prática da liberdade e a ter o direito de manter suas opiniões e não de impô-las, também ensina o jornalista a fazer-se acessível aos diversos públicos e a dialogar com os mesmos, sem impor-lhes nada, mas estar sempre disposto a ouvir para que juntos possam igualmente saber mais. (L. Turma 2019)⁷

Um dos princípios da ‘lente freireana’ é educar na prática da liberdade, no e com o diálogo, algo a que o jornalista deve se ater e respeitar no exercício de sua profissão. É necessário respeitar os diferentes saberes que nos circundam e que nos constitui na relação com o outro.

A educação que, para ser verdadeiramente humanista, tem que ser libertadora, não pode, portanto, caminhar neste sentido. Uma de suas preocupações básicas, pelo contrário, deve ser o aprofundamento da

⁷ Acervo Pessoal. Notas de Aula.

tomada de consciência que se opera nos homens enquanto agem, enquanto trabalham (FREIRE, 1983, p.52).

Um estudante chama a atenção para a importância dessa ação de ser e exercer a profissão de forma humanizada.

Todo indivíduo possui um saber próprio e que pode somar-se com outros. Esse é outro ponto cabível ao jornalismo, pois o repórter não deve sentir-se superior a seus entrevistados. Por essa razão, quando estiver em uma comunidade carente, por exemplo, ele nunca deve colocar-se em posição de superioridade àquela sociedade. Para finalizar, fica evidente a função de comunicador do jornalista. É possível dizer que o jornalista tem a função de comunicar a sociedade sobre os fatos que nela ocorrem. Assim, esse profissional não pode assumir a função de extensor, o qual apenas estende a informação ao público, pois caso isso aconteça, o trabalho extensionista pode ser utilizado como forma de manipulação e persuasão das massas. Portanto, o papel do jornalista deve ser de um comunicador, permitindo e abrindo espaços para o diálogo e para os questionamentos, afastando tudo que se aproxime de meios extensionistas no jornalismo. (L.J. Turma 2019)⁸

Comunicar respeitando todo e qualquer interlocutor é uma prática que se aproxima mais de um exercício crítico da profissão, e, ao mesmo tempo, se afasta do sentido extensionista abordado por Freire. Uma outra perspectiva de trabalhar com a informação e que ela, de fato, possibilite leitura, interpretação, diálogo e ação.

Outra estudante traz à tona a questão da falta de criticidade na formação e o reflexo que isso apresenta na sociedade, envolvendo até mesmo a credibilidade em informações distorcidas e o compartilhamento sem nenhum tipo de checagem.

Outro ponto de convergência, é que uma das maiores críticas de Paulo Freire aos moldes tradicionais da educação ou da extensão é a falta da criticidade despertada em seus alunos. Isso reflete em uma sociedade que, além de acreditar em qualquer informação que chega a eles, também é falha em consciência de classe, uma vez que sonha com a ascensão social particular, e não consegue ver a realidade em um panorama de totalidade. Além de facilitar as chamadas manobras de massa, esta realidade social também dá ao jornalista uma missão: não se aproveitar dessa multidão facilmente transformada em meros

⁸Acervo Pessoal. Notas de Aula.

receptores de informação (embora a simples transmissão seja, de fato, muito mais descomplicada do que a reciprocidade) e também combater um dos fenômenos sociais mais discutidos atualmente, as fakenews. (G. P. Turma 2019)⁹

Um último trecho de um estudante é apresentado destacando a valorização da dialogicidade como um princípio freireano na formação do jornalista. A visão crítica despertada na discente conflui, inclusive, para a expansão do senso comum jornalístico de que "um fato sempre tem dois lados". Em essência, um fato tem quantos lados o Sujeito for capaz de enxergar.

*Assim, da mesma maneira que o agrônomo deve considerar a perspectiva de mundo dos camponeses, e não somente a sua, cabe ao jornalista valorizar a dialogicidade, retratando o **máximo de visões possíveis de cada fato** e democratizando o acesso à informação, valendo-se sempre de uma linguagem acessível, que possibilite o debate e a formação de juízo sobre os acontecimentos por qualquer pessoa. Além disso, o jornalista deve estar consciente de seu papel fundamental na geração de conhecimento e na transmissão do que ocorre no mundo para os demais indivíduos. Logo, é preciso que ele afaste de suas produções processos típicos do extensionismo, como a manipulação de fatos e a invasão cultural, de forma a construir um jornalismo libertário, respeitando as premissas de objetividade, honestidade e verdade inerentes à profissão. Com tudo isso, a postura dialógica desse profissional contribuirá para uma sociedade mais livre e humana. Ademais, o jornalista poderá ser, assim como previsto por Freire (1985), um verdadeiro agente da mudança, conscientizando sobre a realidade, mas, também, sendo conscientizado, em uma interação comunicativa baseada na reciprocidade. (L. F. Turma 2019¹⁰, grifo nosso)*

Os trechos apresentados integram o processo vivenciado na disciplina 'Comunicação e Educação', corroborando a formação do Jornalista numa visão mais humanizadora e crítica frente a si, ao que o cerca e à sociedade. Em uma turma de aproximadamente quarenta estudantes, com produções individuais, todos, de alguma forma, trouxeram destaques que visualizaram como importante na discussão proposto a partir do 'Café com Paulo Freire' para sua formação no Jornalismo e na vida cotidiana.

⁹ Acervo Pessoal. Notas de Aula.

¹⁰ Acervo Pessoal. Notas de Aula.

CONSIDERAÇÕES E PERSPECTIVAS

As lentes freireanas na formação do Jornalista, a partir do ‘Café com Paulo Freire’, nos possibilita verificar que o processo humanizador das relações e da formação se dá a todo o momento, e isso precisa ser um compromisso tanto de professores quanto de estudantes. Não há uma receita para uma educação crítica, problematizadora, dialética, há sim, princípios que fundamentam essas concepções e que dependem do compromisso dos sujeitos que com elas desejam compactuar.

A tarefa do educador, então, é a de problematizar aos educandos o conteúdo que os mediatiza, e não a de dissertar sobre ele, de dá-lo, de estendê-lo, de entregá-lo, como se se tratasse de algo já feito, elaborado, acabado, terminado. Neste ato de problematizar os educandos, ele se encontra igualmente problematizado. A problematização é a tal ponto dialética, que seria impossível alguém estabelecê-la sem comprometer-se com seu processo. (FREIRE, 1983, p.56)

Todos se comprometem ao problematizar, ao ‘dialetrizar’, ao viver, ao se ‘ex-por’ à experiência. Isso é o que aproxima as áreas de Comunicação e Educação, numa relação de viver **com** os sujeitos os processos que formam, que educomunicam, que nos fazem enxergar para além do que é visto só na superfície. O ‘Café com Paulo Freire’ tem um cheiro e um sabor que envolvem a todos que se aproximam, nos levando a reconhecer diferentes sujeitos, saberes e sabores envolvidos na formação e, em especial, na formação do Jornalista. É importante que os alunos vivenciem tais experiências logo no início do curso, pois a partir daí poderão refletir sobre as técnicas que mais à frente aprenderão e conceber o ser humano como Seres no sentido *lato* do termo e não apenas como meros personagens de suas reportagens.

REFERÊNCIAS

BATISTA, A. M. de M. Práxis, consciência de práxis e educação popular: algumas reflexões sobre suas conexões. In: **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 21, n. 42, p. 169-192, jul. /dez. 2007.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GIROUX, H. A. Pedagogia crítica, Paulo Freire, e a coragem para ser político. **Revista e-Curriculum**, [S.l.], v. 14, n. 1, p. 296-306, abr. 2016. ISSN 1809-3876. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/27356/19380>. Acesso em: 30 jun. 2019.

LARROSA, J. **Tremores:** escritos sobre experiência. [tradução Cristina Antunes, João Wandreley Geraldi]. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SAVIANI, D. **As concepções pedagógicas na história da educação brasileira.** 2005. Disponível em: https://ufpr.cleveron.com.br/arquivos/EM_450/concepcoes_pedagogicas.pdf. Acesso em: 30 jun. 2019.

SOARES, I. de O. Educomunicação e a formação de professores no século XXI. **Revista FGV Online**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 19-34, dez. 2014. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/revfgvonline/article/view/41468>. Acesso em: 30 jun. 2019.

SOARES, I. de O. Educomunicação – Conceito. Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação/ABPEducom. Disponível em: <http://www.abpeducom.org.br/educum/conceito/> Acesso em:30 Jun.2019

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis.** 2 ed. Tradução de Luiz F. Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.